

# A CORRESPONDÊNCIA ENTRE FREUD E FLIESS E A PRIMEIRA TEORIA FREUDIANA DA ANGÚSTIA

(The correspondence between Freud and Fliess, and the first Freud's theory of anxiety)

Leonardo Pinto de Almeida  
Doutor em psicologia – PUC-RJ

**Resumo:** A primeira das teorias freudianas da angústia afirma que o excesso de energia libidinal não eliminado se converteria em angústia. E a segunda, concebe o afeto da angústia como a indicação de um perigo eminente. Cada uma dessas teorizações propõe uma relação diversa da angústia com o recalque. Na primeira, a angústia seria o resultado do processo de recalque, e, na segunda o recalque seria a causa deste afeto. No presente trabalho observamos as reflexões de Freud sobre a angústia tecidas em sua correspondência com Fliess, analisando a importância do "Rascunho E" para a formulação de sua primeira teoria.

**Palavras-Chaves:** Teoria da Angústia, Fliess, Freud.

**Abstract:** The first one of the Freud's theories of the anguish affirms that the excess of libidinal energy, if not eliminated, its would converted into anguish. And the second one conceives the affection of the anguish as the indication of an eminent danger. Each one of these theories suggest a diverse relation of the anguish with repression. In the first one, the anguish would be the result of the process of repression, and, in the second, the repression would be the cause of this affection. In the present work we observe the reflections of Freud on the anguish in his correspondence with Fliess, analyzing the importance of the "Draft E" for the formularization of his first theory.

**Key-Words:** Anxiety theory, Fliess, Freud.

## 1. Introdução

O presente trabalho abordará o tema da angústia na correspondência completa entre Freud e Fliess.

No conjunto de sua vasta obra, Freud formulou duas teorias sobre a angústia. A primeira delas, afirma que: a "angústia surge por transformação a partir da tensão sexual acumulada" (Freud, 1950/1996, p. 237), ou seja, o excesso de energia libidinal não eliminada se converteria em angústia. E a segunda sustenta que este afeto seria a indicação de um perigo eminente.

Em sua correspondência com seu amigo Fliess, Freud põe em relevo a angústia em vários momentos. Nossa reflexão tem como objetivo traçar uma linha de convergência entre eles. A hipótese a que nos propomos seria que, a primeira teoria da angústia, já referida, caracterizaria essa linha a que nos intentamos desenhar.

Poderíamos apontar que a carta mais relevante desse conjunto, referente ao tema em questão, é o Rascunho E, intitulado "como se origina a angústia". Neste rascunho, Freud mostra a Fliess suas considerações acerca deste afeto. Nela podemos observar o germe da primeira teoria freudiana da angústia.

Na introdução de Strachey ao texto freudiano "sobre os fundamentos para destacar a neurastenia de uma síndrome específica chamada 'neurose de angústia'", este aponta a importância de três rascunhos contidos nas cartas direcionadas a Fliess sobre o tema: A, B, E. Entretanto, afirma que neste último, a teoria da angústia está bem mais clara que no texto de 1895. "Para isso temos que recorrer ao Rascunho E, onde a teoria é formulada na íntegra talvez, até com mais clareza do que adiante. Infelizmente, o Rascunho não está datado. Os editores da correspondência com Fliess atribuem-lhe, por razões não muito convincentes, a data de junho de

1894; mas, seja como for, é evidente que ele deve ter sido escrito antes, e não muito antes deste artigo.” (Freud, 1895/1996, p.92)

Antes de levarmos em consideração, o conteúdo propriamente dito das cartas, devemos sublinhar dois pontos para situarmos nossa problemática: (1) A amizade de Freud e Fliess e sua correspondência; e (2) a diferenciação etiológica entre neurose de angústia, neurastenia e histeria.

## 2. Freud/Fliess

Erik Porge em seu livro *Freud e Fliess*, assegura que “a correspondência de Freud/ Fliess constitui um depoimento insubstituível sobre os primórdios da psicanálise, bem como sobre o devir de uma amizade.” (Porge, 1998, p. 9)

O conjunto de cartas utilizado no presente trabalho é o encontrado na “Correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)”, editado por Jeffrey Moussaief Masson. Essa coletânea contém 287 cartas. Não foram todas publicadas, porque algumas se perderam. Também o Projeto que data de 1895 não se encontra nesse conjunto.

Masson aponta que quando os dois amigos se conheceram, através de Breuer, Freud tinha 31 anos e lecionava neuropatologia na Universidade de Viena, enquanto que Fliess era um otorrinolaringologista de sucesso em Viena.<sup>1</sup>

Porge enumera em seu livro os vários temas frisados na correspondência, mas afirma que “dentre os temas abordados, três revestem-se de importância particular: os pacientes, a elaboração de trabalhos e o próprio Fliess.” (Porge, 1998, p. 15)

Segundo Masson, “é provável que as cartas de S. Freud a seu amigo mais íntimo, W. Fliess constituam, isoladamente, o grupo de documentos mais importantes da história da psicanálise. Sem que jamais houvesse intenção de publicá-las, as cartas vão de 1887 a 1904, período que cobre o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os sessete anos da correspondência, Freud escreveu alguns de seus trabalhos mais revolucionários: Estudos sobre a Histeria, A interpretação dos Sonhos, A Etiologia da Histeria e o famoso caso Dora.”(Masson, In: Freud, 1986, p. 1)

Munido dessa curiosidade acerca do conjunto dessas cartas e a importância delas para a história da psicanálise e para a gênese da primeira teoria da angústia, motivamo-nos ao presente estudo.

## 3. Neurastenia, Neurose de Angústia e Histeria

No texto *Sobre os fundamentos para destacar a neurastenia de uma síndrome*, em seu quarto capítulo intitulado ‘Relações com outras neuroses’, Freud (1895/1996) coloca em relevo as relações da neurose de angústia com a neurastenia e com a histeria.

Ele diz que tanto na neurose de angústia quanto na neurastenia, o campo somático é onde reside a causa precipitante do distúrbio, enquanto que na histeria e na neurose obsessiva a causa origina-se no campo psíquico.

Para Freud, a diferença entre neurose de angústia e neurastenia é sintomática, pois, na primeira, há o acúmulo de excitação e, na segunda, há o empobrecimento de excitação. Ou seja, o fator desencadeante da neurose de angústia é a ausência de descarga da excitação sexual, e, o da neurastenia, é o apaziguamento inadequado.

Já em sua relação com a histeria, a neurose de angústia partilha três pontos: (1) ocorrência de acúmulo de excitação, (2) insuficiência psíquica, tendo como conseqüências processos somáticos anormais, e (3) ausência de elaboração psíquica da excitação, ocorrendo, assim desvio para o somático. Segundo Freud, a neurose de angústia é o “equivalente somático da histeria.” (Freud 1895/1996, p.115)

Elas duas se diferem, no seguinte: “a diferença está apenas em que, na neurose de angústia, a excitação,(...) é puramente somática (excitação sexual somática), ao passo que na histeria, ela é psíquica (provocada por um conflito).” (Freud, 1895/1996, p.115)

Observa-se, comumente, que tanto a neurose de angústia quanto a neurastenia são caracterizadas por Freud como *neuroses atuais*. Isso nos leva a apontarmos as características que as aproximam uma da outra: (1) origem: presente; (2) sintoma: ausência ou inadequação de satisfação sexual; e (3) etiologia: disfuncionamento somático do sexual.

Por esse viés, voltamos ao problema da primeira teoria da angústia que afirma sua relação com a tensão sexual acumulada.

#### 4. Desenvolvimento do problema

A questão do acúmulo da tensão sexual, que caracteriza a angústia na primeira teoria, perpassa por todos exemplos de casos onde Freud sublinha a ocorrência da angústia, como na carta de 06/10/1893, cujo coito interrompido aparece como causa precipitante de casos onde a angústia se evidencia.

No caso Herr K (Rascunho F), Freud afirma que este há três semanas sofria de ataque de angústia durante à noite e também ao meio dia. Através da escuta, ele pode constatar a relação entre estes ataques e a excitação sexual sentida por Herr K, durante seu contato com uma moça (ex-noiva). Herr K afirmou que "ficava muito excitado, sexualmente, em seu relacionamento com a moça (sem tocá-la ou coisa parecida). O primeiro ataque noturno (fevereiro) ocorreu dois dias depois de um coito; o primeiro ataque de angústia foi após o coito, na mesma noite." (Freud, 1986, p.91) Nesse caso, se pode sublinhar a constatação de sua primeira teoria da angústia, onde o acúmulo da tensão sexual se transforma em angústia: “O que ela envolve é uma debilidade do domínio psíquico sobre a excitação sexual somática. Essa debilidade está presente já algum tempo e possibilita o aparecimento de angústia quando ocorre um aumento acidental de excitação somática.” (Freud, 1986, p. 92) Ao referir-se à ex-noiva de Herr K e ao seu medo de infecção e usos preventivos, Freud conclui: “Em suma, Herr K desenvolveu uma fraqueza sexual psíquica por ter estragado o coito a seus olhos e, como não houvesse nenhum prejuízo de sua saúde física e da produção de estímulos sexuais, essa situação deu origem à geração de angústia.” (Freud, 1986, p. 93)

Na carta de 29/09/1894, ele escreve sobre o caso do Sr. D. que segundo ele, sofreu de angústia relacionada a abstinência mas, mesmo assim, afirma não acreditar piamente na veracidade do relato deste paciente.

Outro caso que demonstra a teoria em questão é o relatado no Rascunho J, onde Freud expõe o caso da Sra. P.J., uma mulher casada com um caxeiro viajante que teve de se ausentar após ter casado com ela. "Para passar o tempo, estava um dia sentada no piano, cantando, quando, de repente, sentiu um mal-estar no abdômen e no estômago, ficou com a cabeça girando e teve sensações de opressão e angústia e parestesias cardíacas; achou que iria enlouquecer.(...) No dia seguinte, a criada lhe contou que uma mulher que morava na mesma casa havia enlouquecido. Desde esse momento, ela nunca mais se libertou da obsessão, acompanhada, de que também iria enlouquecer." (Freud, 1986, p. 157) Freud ao analisá-la percebeu que se tratava de um extravasamento amoroso. E diz mais, que partiu do "pressuposto de que o estado dela, na ocasião, teria sido uma crise de angústia - uma liberação de sensações sexuais transformadas em angústia." (Freud, 1986, p. 157) Nesse momento, aparece, novamente, referência à primeira teoria da angústia.

As cartas endereçadas a seu amigo Fliess, além de expor casos clínicos mostravam também formulações teóricas. Nestas, a angústia tem o seu lugar de importância.

No Rascunho A, ao falar sobre a depressão periódica, Freud a compara com a neurose de angústia e afirma o seguinte sobre esta última: “A neurose de angústia é, em parte, consequência

de inibição sexual.” (Freud, 1986, p. 38) Essa idéia pressupõe um acúmulo de tensão sexual pela inibição desta função, logo a primeira teoria da angústia exposta no Rascunho E, começa aí a ser delineada.

No Rascunho B, que versa tanto sobre a neurastenia quanto sobre a neurose de angústia, também se observa traços dessa teoria, quando, ele diz que a neurastenia gerada por comportamento sexual anormal pode influenciar no aparecimento do fator angústia. Além disso, ele sustenta o caráter adquirido da neurose de angústia: “Não há dúvida, de que é adquirido, e de que o é por homens e mulheres, no casamento, durante o segundo período de fatores nocivos sexuais, através do coito interrompido” (Freud, 1986, p. 43) Com isso, poderíamos pensar que no que tange a prática do coito interrompido, ocorre uma preocupação com a gravidez, e além disso, não há uma descarga satisfatória dos produtos sexuais, gerando, assim, angústia.

Quando Freud discute sua teoria do recalçamento, na carta de 30/05/1896, ele indica novamente sua teoria da angústia: “O excesso de sexualidade atende às precondições dos ataques de angústia durante a maturidade. Os traços mnêmicos são insuficientes para absorver a quantidade sexual liberada, que deve transformar-se em libido.” (Freud, 1986, p. 190) Ou seja, o excesso de sexualidade (a tensão sexual não descarregada) é o pré-requisito básico para a aparecimento da angústia.

Continuando sua reflexão sobre o recalçamento, na carta 14/11/1897, ele indaga-se, desta maneira: “Mas então, o que é o que o recalçamento normal nos proporciona? Algo que, se estiver livre, pode levar à angústia; se estiver psiquicamente ligado à rejeição – em outras palavras, é a base efetiva para uma multiplicidade de processos intelectuais do desenvolvimento, tais como a moral, a vergonha e coisas similares” (Freud, 1986, p. 281) Como se vê, é possível através dessa indagação freudiana chegar a uma relação entre a angústia e a energia livre, ou o não simbolizado. E além disso, podemos observar a relação entre angústia e recalçamento proposto na primeira teoria, isto é, a angústia seria o resultado do processo de recalque.

Mas como sublinhamos acima, o documento mais importante referente ao tema da angústia, dentre os enviados a Fliess, é o Rascunho E. É nele que Freud expõe com mais clareza a sua primeira teoria da angústia.

Neste rascunho, chamado de *como se origina a angústia*, ele relata que suas vivências clínicas o levaram a formular sua teoria da angústia que tem como axioma básico: “a angústia emerge da tensão sexual acumulada, por transformação.” (Freud, 1986, p. 80) Isto é, ela surge mediante o fracasso da descarga dos produtos sexuais.

Com a observação de suas pacientes, ele observou a pertinência do coito interrompido na etiologia da neurose de angústia: “duas coisas originariam o sentimento de angústia no coito interrompido: na mulher, o medo de engravidar; no homem, a preocupação de seu dispositivo (preventivo) viesse falhar.” (Freud, 1986, p. 78) O coito interrompido, como causa, evidencia uma descarga insatisfatória proporcionando um acúmulo de tensão.

A questão do fator físico sexual produtor de angústia, fez Freud verificar empiricamente sua teoria em casos onde “a angústia emergia de uma causa sexual” (Freud, 1986, p. 79) (“angústia em pessoas virgens, angústia em pessoas intencionalmente abstinentes, angústia em pessoas obrigatoriamente abstinentes, angústia das mulheres e dos homens que vivem a prática do coito interrompido, angústia dos homens que ultrapassam seu desejo ou das suas forças, angústia dos homens que se abstêm ocasionalmente.” (Freud, 1986, p.79)) Ao inferir qual seria o fator comum entre esses casos, ele declara ser a “abstinência” o seu ponto de interseção, definindo sob a fórmula “a angústia emergiu da tensão sexual acumulada, por transformação” (Freud, 1986, p. 80) essas situações analisadas. Por causa disso, ele classifica a neurose de angústia como uma neurose de repressão, devido ao fato, do “acúmulo da tensão sexual física” (Freud, 1986, p. 79) ser “conseqüência de um bloqueio da descarga.” (Freud, 1986, p. 79)

Logo após, faz uma comparação entre melancolia e neurose de angústia, “quando há acúmulo de tensão sexual física - neurose de angústia; quando há acúmulo de tensão sexual

psíquica - melancolia.” (Freud, 1986, p.80), ou seja, a diferença estaria no ‘comportamento’ de acúmulo.

A transformação dessa tensão sexual em angústia se dá do seguinte modo, diz Freud: “a tensão física, não sendo psicologicamente ligada, transforma-se em - angústia.” (Freud, 1986, p. 80) Aqui, se vê novamente a relação entre angústia e o não simbolizado, pois a tensão sexual não simbolizada, não ligada no campo psíquico torna-se angústia.

## 5. Conclusão

Com o intuito de traçarmos algumas considerações finais de nosso trabalho, é importante estabelecermos alguns pontos relevantes de nossa inferência.

Concordamos com Porge e Masson, na afirmação da relevância desse volume de cartas trocadas entre Freud e Fliess para um estudo da psicanálise, ou da história da psicanálise.

Observamos também que a primeira teoria da angústia perpassa ao longo da correspondência e tem no Rascunho E, a formulação mais acabada encontrada nesse conjunto de cartas. Nele, encontramos o germe dessa teoria que avança pela extensão da obra freudiana, até a exposição da segunda teoria, apresentada em *Inibição, Sintoma e Angústia*.

## Notas

<sup>1</sup> Assim, Masson relata a gênese dessa amizade: “No outono de 1887, (Fliess) foi a Viena estudar com alguns especialistas, e ao que parece o célebre médico Josef Breuer (1842-1925), então mentor, colega e amigo de Freud, sugeriu que Fliess assistisse às aulas de Freud na universidade. Poucos meses depois, quando Fliess já havia retornado a Berlim, Freud escreveu a primeira de uma longa série de cartas que iriam mapear as origens e a evolução da psicanálise.” (Masson, In: Freud, 1986, p. 1)

## Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund (1986). *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess*. RJ: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1996). “Cartas a Fliess”. In: *Obras completas de S. Freud*. RJ: ESB.
- \_\_\_\_\_. (1895). “Sobre os fundamentos para destacar a neurastenia de uma síndrome específica chamada neurose de angústia”, In: Op. cit., vol. III, p. 91-115.
- MASSON, Jeffrey M. (1986). “Introdução”, in Freud, S. *A correspondência completa de Freud para Fliess (1886-1904)*. RJ: Imago.
- PORGE, Eric (1998). *Freud/Fliess, mito e quimera da auto-análise*. RJ: JZE.

Recebido em 15/05/2009  
Aprovado em 30/06/2009